



# MUNDOPOÉTICA

*geopolíticas do literário*

organização  
Cinara Ferreira  
Andrei Cunha

CLASS

# **MUNDOPOÉTICA**

*geopolíticas do literário*

Andrei dos Santos Cunha  
Cinara Antunes Ferreira  
organização

2020

CLASS

**Todos os direitos desta edição reservados.**

Copyright © 2020 da edição:  
Andrei Cunha  
Cinara Ferreira  
Copyright © 2020 dos capítulos:  
Seus autores

**Coordenação editorial**

Roberto Schmitt-Prym

**Conselho editorial**

Antonio David Cattani  
Claudio Vescia Zanini  
Daniela Pinheiro Machado Kern  
Demetrius Ricco Ávila  
Elaine Barros Indrusiak  
Jéferson Assunção  
Karina de Castilhos Lucena  
Luciana Wrege Rassier  
Pedro Demenech

**Projeto gráfico**

Roberto Schmitt-Prym

**Capa e ilustração da capa**

Andrei dos Santos Cunha

**Revisora-chefe**

Marianna Ilgenfritz Daudt

**Equipe de revisão**

Andrei dos Santos Cunha  
Anselmo Peres Alós  
Cinara Antunes Ferreira  
Elizamari Rodrigues Becker  
Fernanda Vivaçqua de Souza  
Galvão Boarin  
Gabriel Pessin Adam  
Ian Alexander  
Karine Mathias Döll  
Marcelo Oliveira da Silva  
Rafael de Carvalho Matiello  
Brunhara  
Vinícius Casanova Ritter

**Como citar este livro (ABNT)**

CUNHA, Andrei; FERREIRA, Cinara (org.). **Mundopoética: geopolíticas do literário**. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2020.

**BESTIÁRIO**



Rua Marquês do Pombal, 788/204  
CEP 90540-000

Porto Alegre, RS, Brasil  
Fones: (51) 3779.5784 -  
99491.3223  
[www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M965 Mundopoética: Geopolíticas do literário / organizado por Andrei dos Santos Cunha, Cinara Antunes Ferreira. - Porto Alegre, RS : Class, 2020.  
292 p. : il. ; 14cm x 21cm.

Inclui bibliografia e índice.  
ISBN: 978-65-991765-0-0

1. Literatura brasileira. 2. Ensaios. I. Cunha, Andrei dos Santos. II. Ferreira, Cinara Antunes. III. Título.

2020-1520

CDD 869.94  
CDU 82-4(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaios 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaios 82-4(81)

# SUMÁRIO

- 7** **Prefácio**  
*Andrei dos Santos Cunha*  
*Cinara Antunes Ferreira*
- 13** **Aproximações entre as Relações Internacionais e a Literatura Comparada por meio da história da tradução**  
*Andrea Cristiane Kahmann*  
*Gustavo Oliveira Vieira*
- 37** **Hipóteses para uma poética em interface com a geopolítica**  
*Andrei dos Santos Cunha*  
*Cinara Antunes Ferreira*
- 49** **Literatura Comparada e teoria queer: diálogos e confluências em tempos de internacionalização**  
*Anselmo Peres Alós*
- 70** **Uma análise de *Submissão* de Michel Houellebecq a partir de teorias de Relações Internacionais críticas**  
*Cícero Krupp da Luz*
- 86** **As produções artísticas e literárias de Josefina Plá e Josely Vianna Baptista a partir do barro: vínculos e convivências em perspectiva transnacional**  
*Débora Cota*
- 103** **Tradução literária e *soft power*: o projeto do Instituto de Tradução da Rússia**  
*Denise Regina de Sales*

- 117** **Poesia brasileira traduzida para o inglês:  
com que face somos apresentados ao  
mundo anglófono**  
*Elizamari Rodrigues Becker*
- 136** **A origem grega da teoria realista de  
Relações Internacionais**  
*Gabriel Pessin Adam*
- 164** **“Slavie em Berlim”, de Yoko Tawada — a  
escritora e sua escrita sem morada definida**  
*Gerson Roberto Neumann*
- 181** **Algumas coisas que o Brasil me ensinou  
sobre a minha literatura**  
*Ian Alexander*
- 208** **Derivações estéticas  
da *Ilíada***  
*Carlos Leonardo Bonturim Antunes*
- 222** **Paisagens do íntimo e as poéticas da  
internacionalização**  
*Maria Luiza Berwanger da Silva*
- 235** **A antropofagia como crítica política da  
cultura contemporânea**  
*Rejane Pivetta*
- 246** **A estranha poesia das mulheres: corpos,  
vozes, performances**  
*Rita Lenira de Freitas Bittencourt*
- 261** **Des-figurações do corpo feminino:  
textualidade fora da lei**  
*Rita Terezinha Schmidt*
- 276** **Mário de Andrade, diplomata tropical:  
cultura negra, música popular e a revista  
*Travel in Brazil***  
*Roniere Silva Menezes*

**MUNDOPOÉTICA**  
*geopolíticas do literário*

# TRADUÇÃO LITERÁRIA E SOFT POWER: O PROJETO DO INSTITUTO DE TRADUÇÃO DA RÚSSIA

Denise Regina de Sales<sup>1</sup>

*Для чего переводить мою пьесу на французский язык? Ведь это дико, французы ничего не поймут из Ермолая, из продажи имения и только будут скучать.<sup>2</sup>*

Anton Tchékhov  
Carta a Olga Knipper-Tchekhova  
24 out. 1903, Ialta

No século XIX, Ivan Sergueievitch Turguêniev (1818–1883), conhecido como embaixador da *intelligentsia* russa, foi um dos responsáveis pela divulgação de seus conterrâneos na Europa. No Ocidente, naquela época, a Rússia era considerada uma nação bárbara, em contraponto aos civilizados países europeus. Como poderia vir dali uma boa literatura? Duvidavam até de que existisse literatura russa, qualquer que fosse.

Turguêniev apresentou aos franceses os escritores russos, o mundo da cultura russa, seus costumes e hábitos. Com insistência, divulgou a prosa de Liev Tolstói (1828–1910),

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo. Trabalha como docente e pesquisadora no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> “Para que traduzir minha peça para a língua francesa? É um absurdo, os franceses não vão entender nada do Ermolai, da venda da propriedade, vão apenas se entediar” (tradução minha). Disponível em: <<http://chehov-lit.ru/chehov/letters/1902-1903/letter-4214.htm>>. Acesso em: 7 dez. 2019.

conseguindo autorização do autor para a tradução de “Dois hussardos”, “Os cossacos” e **Guerra e paz**. De Gustave Flaubert (1821–1880), a quem enviara a tradução de **Guerra e paz**, recebeu em carta o seguinte agradecimento:

Obrigado por ter me dado a oportunidade de ler o romance de Tolstói. É uma obra de primeira linha. Que artista, que psicólogo! Os dois primeiros tomos são sensacionais; o terceiro é mais fraco. Ele se repete e filosofa. Sente-se em excesso o próprio escritor, o homem russo, enquanto antes se encontravam diante de nós apenas a Natureza e a Humanidade. Por vezes, ele me lembra Shakespeare. Durante a leitura, volta e meia, eu soltava exclamações extasiadas... e a leitura foi longa! (LEBEDEV, 1990)

Amigo de grandes nomes da literatura francesa, alemã e inglesa, Turguêniev denunciava em cartas e conversas com conterrâneos uma altivez condescendente dos europeus em relação aos russos. Entretanto, não há dúvida de que a sua presença na França, onde viveu longos períodos intervalados a partir de 1847, “desempenhou papel importante na superação de preconceitos e julgamentos seculares existentes na classe cultural ocidental em relação à Rússia e a sua literatura. [...] Ele se transformou em um elo entre os escritores franceses e russos e até mesmo entre franceses e alemães” (LEBEDEV, 1990).

Por mais que esses “preconceitos e julgamentos” fossem prejudiciais à imagem da Rússia, eles acabavam contribuindo para formar a essência do que se convencionou chamar, positivamente, de alma russa. Ser diferente dos europeus significava possuir algo de especial, algo universal; porém, ao mesmo tempo, muito singular. Entre os que se encontravam distantes do torrão natal, isso se manifestava na saudosa devoção ao elemento russo. Em 1878, quando Nikolai Vassilievitch Berg (1823–1884) perguntou a Turguêniev se ele estava satisfeito em Paris, a resposta foi:

A Rússia — os russos — é algo completamente singular. Por isso os outros não nos compreendem; e os franceses, especialmente, não são capazes de nos compreender. Aqui eu vivo no círculo da mais alta *intelligentsia*. Mas

essa *intelligentsia* não vê nada além do próprio nariz. Ela não compreende o que existe de bom e de genial nas outras nações. Os gênios da Inglaterra, da Alemanha, da Itália — para os franceses eles praticamente não existem. Sobre nós, nem se fala... Há exceções, é claro, acontecem de raro em raro. (LEBEDEV, 1990)

No final, os franceses se renderam ao bom e ao genial que vinha da Rússia. “Intuição, surpresa, sentimento, profundidades abissais, desespero, sofrimento e expiação: as inúmeras gradações atribuídas por Vogüé [Eugène Melchior, autor de **O romance russo** (1886)], e pela crítica francesa de modo geral, à alma russa” (GOMIDE, 2004, p. 99) foram o principal motor da divulgação da literatura russa no Brasil e em outros países no final do século XIX. Contato pessoal, no caso de Turguêniev, comércio editorial no caso de Vogüé — por esses e outros caminhos a literatura russa se transformava em mercadoria cobiçada no mundo todo.

Com o fim da monarquia, a “revolução bolchevique só fez afirmar a imagem engajada do escritor russo, e alavancou ainda mais o sucesso de obras russas” (GOMIDE, 2004, p. 106). Adam (2019) trata da literatura soviética como agente do *soft power*, lembrando que “variadas formas de arte foram utilizadas como instrumento de propaganda ideológica” por diferentes governos. Enquanto, por um lado, a arte engajada, a propaganda monumental e o realismo socialista alimentavam a propagação dos valores soviéticos, as obras de protesto e denúncia, principalmente aquelas produzidas por dissidentes, como o **Arquipélago Gulag**, de Aleksandr Soljenítsin, alimentavam a ideologia antissoviética. A denominação inclusive — o que era literatura soviética, o que era literatura russa — demarcava os limites de uma e de outra.

No final da Segunda Guerra Mundial, a vitória sobre Hitler inflamou os ânimos a favor da URSS. O prefácio aos **Contos Soviéticos**, traduzidos por Gabriel Marques e Luiz Alípio de Barros e publicados pelas Edições O Cruzeiro, em 1944, ilustra bem esse momento. Um grande entusiasmo inspira o texto da orelha dessa edição: “Muitos desses escritores acompanham os exércitos soviéticos em marcha para o coração da Alemanha nazista. E seus contos brilham como os fogos

dos canhões vitoriosos iluminando as noites de Moscou”. Há espaço para a celebração de uma essência russa refletida nos contos selecionados: “estão carregados da inconfundível força do apostolado russo: mensagem de fraternidade humana, confiança no homem e no seu destino, certeza da vitória da liberdade sobre o reacionarismo fascista, criação de um mundo compreensivo e bom para todos os homens”.

O parágrafo de fechamento chama os autores incluídos no livro de “escritores da Rússia libertária” e faz referência à ideia de união de povos distintos, porém irmanados — “130 línguas e dialetos” organizados em “perfeita liga de nações”, “filhos dos povos nascidos na Ucrânia [*sic*], no Cáucaso, em Moscou, nos Urais, na Sibéria e em algumas repúblicas asiáticas”. Na apresentação, Luiz Alípio divide a literatura russa em três partes: antes do reinado de Pedro, o Grande; a partir de Pedro, o Grande até a Revolução de Outubro; e depois da Revolução, período chamado por ele de “moderna literatura russa”, “literatura bolchevique” e “literatura marxista”.

Depois da derrota de Hitler, no contexto da competição de valores, própria das políticas de *soft power*, a “CIA e sua seção especializada em propaganda serão fundamentais para a divulgação das obras **Doutor Jivago** e **Arquipélago Gulag**” (ADAM, 2019), contribuindo para minar o furor da aclamação do “apostolado russo”. As disputas aconteciam também internamente. Serve de exemplo a história do convite de Aleksandr Soljenítsin ao escritor russo Varlam Chalámov, para que trabalhassem juntos no **Arquipélago Gulag**. Os dois se encontraram em 30 de agosto de 1964, época em que Soljenítsin já havia adquirido um

enorme volume de material valiosíssimo — memórias e cartas de ex-presos políticos enviadas à revista **Novyi mir**, assim como ao próprio Soljenitsin depois da publicação de “Um dia na vida de Ivan Denisovitch”, algo em torno de 800. Foi exatamente esse “presente do destino” que o levou a reavaliar as possibilidades de êxito no tema dos campos de trabalhos forçados, estimulando a ideia de escrever o Arquipélago, já com o cálculo de uma publicação “explosiva” no Ocidente. É difícil entender por que Soljenitsin convidou Chalámov a trabalhar nesse livro. Será que ele não tinha noção de

que estava diante de um escritor valoroso, que tinha o seu sagrado e incontornável tema de Kolimá e se sentiria ofendido de trabalhar como ajudante, sobretudo com material de outros? Chalámov logo percebeu o cálculo extremamente pragmático na ideia de Soljenitisin e escreveu em seu diário: “Por que eu considero impossível uma colaboração minha com Soljenitsin? Antes de mais nada porque espero dizer a minha própria palavra em prosa russa e não surgir sob a sombra de um homem de negócios, como Soljenitsin. (ESSIPOV, 2018)”

## **O INSTITUTO DE TRADUÇÃO DA RÚSSIA<sup>3</sup> E O SOFT POWER**

O Instituto de Tradução da Rússia foi criado em 2011 e tem o objetivo de promover a literatura russa em todo o mundo. Dirigido por um conselho composto por tradutores, professores universitários, pesquisadores e especialistas do campo da tradução, a sua principal tarefa é apoiar tradutores e editoras estrangeiras que trabalham com a literatura russa. São fornecidos recursos financeiros para traduções e publicações que atendam os critérios definidos em editais anuais e são estimuladas atividades de formação e preparação de tradutores de russo.

A cada dois anos, o Instituto concede o prêmio “Leia a Rússia” à melhor tradução de obras em prosa ou versos e realiza eventos (festivais, seminários, conferências, mesas-redondas, encontros, etc.) nacionais e internacionais para discussão da tradução literária e dos autores e obras da literatura russa. O V Congresso Internacional, por exemplo, realizado em 2018, teve o tema “A tradução literária como meio de diplomacia cultural” e contou com a participação de 400 tradutores, filólogos, editores e agentes literários de 56 países e de 20 unidades da Federação Russa. O material de divulgação do evento confirma a atuação

---

<sup>3</sup> Todos os dados apresentados estão disponíveis no site do Instituto. São necessárias pesquisas futuras para confirmar as informações fornecidas e buscar em outros veículos possíveis críticas à atuação ou propósito do Instituto. Para este artigo, importa identificar o modo como o Instituto se apresenta, com intenção de confirmar se ele pode ser classificado ou não como uma forma de *soft power*.

no campo das relações internacionais.

Hoje é extremamente importante fortalecer laços humanitários e possibilitar trocas de ideias, conhecimentos e produções artísticas: sem isso não há compreensão mútua entre as pessoas e os povos. À literatura, nessa troca, destina-se um papel significativo, pois é dela que leitores dos vários países extraem conhecimentos dotados de signos de indubitável autenticidade. E à literatura traduzida em primeiro lugar, pois a tarefa mais importante do tradutor, inclusive do tradutor da língua russa, é levar a palavra viva do escritor às pessoas que leem em outras línguas. Atualmente, o tradutor é, ao mesmo tempo, tanto intermediário entre leitores de vários países, quanto ativista da diplomacia cultural. O papel do tradutor dos clássicos, e ainda mais dos grandes autores da literatura russa contemporânea, é grandioso, levando-se em conta o interesse inabalável pela cultura da Rússia no mundo. (V МЕЖДУНАРОДНЫЙ; tradução minha)

Fica claro, desse modo, o papel do Instituto de Tradução como promotor da literatura e da cultura russa, tendo como colaborador o tradutor-ativista da diplomacia cultural. É a expressão do “poder de cooptar”, de usar a “atratividade da própria cultura e dos próprios valores” (NYE, 2004, p. 7), de conduzir as relações externas de modo a oferecer os seus recursos mais valiosos para fazer com que os outros expressem valores similares. No século XXI a literatura russa está consolidada como importante mercadoria de exportação, confirmando que, “na política internacional, os recursos que produzem o *soft power* surgem, em grande parte, de valores que uma organização ou país expressa em sua cultura, nos exemplos dados por suas práticas e políticas internas, no modo como eles conduzem as suas relações com os outros” (NYE, 2004, p. 8).

## O INSTITUTO DE TRADUÇÃO DA RÚSSIA COMO FATOR DOS POLISSISTEMAS CULTURAIS BRASILEIRO E RUSSO

No Brasil, em termos quantitativos, a influência do Instituto é pequena, pelo menos por enquanto: de 2012 a 2017 (ano dos editais), foram publicados sete títulos com o seu apoio. O total de livros patrocinados neste período foi de 167, envolvendo 34 países, entre eles Alemanha, França, Argentina, Estados Unidos, Azerbaijão, Ucrânia, Holanda e outros.

Três editoras brasileiras receberam auxílio. A Editora Kalinka, para três títulos: **Os sonhos teus vão acabar contigo**: prosa, poesia e teatro, de Daniil Kharms, com tradução de Moissei Mountian, 2013; **O ofício**, de Serguei Dovlátov, com tradução de Daniela Mountian e Yulia Mikaelyan, 2018; e **Cidade Ene**, de Leonid Dobytcin, em tradução de Moissei Mountian. A Editora 34, também para três títulos: **Contos de Kolimá** (seis volumes), de Varlam Chalámov, com tradução de Denise Sales (a autora do presente texto), Elena Vasilevich, Cecília Rosas, Lucas Simone, Marina Tenório e Nivaldo dos Santos; **No campo da honra**, de Isaac Bábel, com tradução de Nivaldo dos Santos; e **A escavação**, de Andrei Platónov, com tradução de Mario Ramos e Yulia Mikelyan. A Editora PoloBooks obteve auxílio para um título: **A nebulosa de Andrômeda**, de Ivan Efremov, com tradução de Ana Fagundes e Hugo Novatny<sup>4</sup>.

Todas as obras publicadas no Brasil com financiamento do Instituto de Tradução da Rússia são de escritores do século XX. Não há clássicos do XIX, que, tradicionalmente, respondem pela maior parte das vendas de literatura russa no Brasil. Sem outros dados (informações das editoras sobre a escolha dos autores e obras, número de propostas recusadas, etc.), podemos apenas conjecturar que as editoras buscam os recursos do Instituto para publicação de livros cujo êxito editorial não se supõe garantido, talvez até para viabilizar os projetos.

Parece não haver tendência a apoiar determinadas casas editoriais, com características predeterminadas. O perfil das três editoras brasileiras é bastante diferente. Fundada em 2008,

<sup>4</sup> No site da editora, não informam o nome dos tradutores, que são indicados no site russo. Por conta das diversas formas de transliteração, pode haver algum erro de grafia nesses nomes em português.

a Editora Kalinka dedica-se a “divulgar a Cultura e a Literatura Russa e do Leste Europeu, sobretudo autores pouco conhecidos do público brasileiro”. A Editora 34, aberta em 1992, possui um catálogo de mais de 500 títulos de várias áreas; os títulos russos encontram-se na Coleção do Leste, “que tem publicado obras de Dostoiévski, Gógol, Tolstói, Púchkin e Tchekhov, entre outros”. A PoloPrinter faz parte de um grupo que começou seus trabalhos em 1990, oferecendo serviços de digitação, e atualmente tem a missão de “promover a criação literária com qualidade, pontualidade e valores justos”<sup>5</sup>.

Por outro lado, entre autores e obras, é possível observar certos traços unificadores, embora neste momento, sem outras investigações, não seja possível dizer com certeza se esses traços refletem interesses do mercado brasileiro, do Instituto de Tradução, do governo russo atual... ou se consistem em meras casualidades. A seguir, busco apresentar algumas informações essenciais a respeito de cada um deles.

Andrei Platónov (1899–1951) publicou o seu primeiro livro, **A eletrificação**, em 1921. **A escavação**, escrito em 1929, foi publicado na URSS apenas em 1988. Classificado como romance distópico, descreve o trabalho de operários na construção do alicerce de um prédio grandioso, símbolo de uma sociedade fundada na opressão e no sacrifício.

Daniil Kharms (1905–1942), prosador, poeta, dramaturgo, foi um expoente da vanguarda russa. A coletânea **Os sonhos seus vão acabar contigo** inclui textos e poemas selecionados, a série “Causos” (miniaturas escritas entre 1933 e 1939) e a única novela do autor, **A velha** (1939), além da peça **Elizaveta Bam** (1928), considerada um dos marcos do teatro do absurdo.

Isaac Bábel (1894–1940) começou a publicar com a ajuda de Maksim Górkí, na década de 1910. Depois de conquistar um lugar de prestígio no mundo literário, foi acusado de espionagem e atividades antissoviéticas. Preso em 1939, morreu fuzilado em 27 de janeiro de 1940. **No campo da honra** é uma coletânea de contos de todas as fases de sua vida, com destaque para o estilo que o consagrou: uma combinação de lirismo e musicalidade com a brutalidade das cenas descritas.

---

<sup>5</sup> Aqui e nas descrições de autores e obras, utilizamos os dados disponíveis nos sites das editoras.

Ivan Efremov (1908–1972) escreveu seu primeiro romance em 1946, mas foi em 1957, com **A nebulosa de Andrômeda**, que obteve reconhecimento como escritor de ficção científica. A obra descreve uma sociedade futurista desenvolvida de tal forma que não há desigualdade material entre os indivíduos.

Leonid Dobytychin (1894–1936), modernista russo, usava uma linguagem inovadora, concisa e irônica, passando do real ao grotescamente absurdo. **Cidade Ene** é uma narrativa de reminiscências da Rússia pré-revolução, marcada por uma burguesia decadente.

Serguei Dovlátov (1941–1990) teve suas obras recusadas na URSS; conseguiu publicar quando se exilou em Nova Iorque, em 1978. **O ofício**, novela em duas partes, é uma autobiografia literária, em que ele conta ironicamente as peripécias de seus manuscritos em dois momentos de sua vida: na URSS e nos EUA.

Varlam Chalámov (1907–1982) começa a escrever poemas em 1926. Em 29 é preso por três anos, acusado de imprimir panfletos clandestinos contra Stálin. Em 1936, publica o seu primeiro conto. Em 37 é condenado por atividades trotskistas contrarrevolucionárias e passa 15 anos em campos de trabalhos forçados. **Contos de Kolimá** é um relato contundente da vida nos campos.

Nenhum desses escritores está na lista de recomendações do Instituto para tradução. Os critérios para exame das solicitações, de acordo com o edital de 2019–2020, são: a atualidade da tradução, o valor literário, a novidade e a originalidade da obra; novas traduções de autores clássicos; prêmios em concursos literários russos reconhecidos; prêmios em concursos internacionais. Chama atenção o conceito de literatura russa adotado: “traduções em línguas estrangeiras de obras concebidas em língua russa e em outras línguas dos povos da Federação Russa”<sup>6</sup>. A concepção de literatura russa abrange

<sup>6</sup> Os termos do edital podem ser consultados em russo, alemão, árabe, espanhol, francês, inglês e italiano no site do Instituto. Disponível em: <<http://institutperevoda.ru/index.php>>. Acesso em: 7 dez. 2019.

neste momento todas as literaturas nacionais<sup>7</sup>.

No Brasil, essa noção da literatura russa ainda não se encontra muito desenvolvida. Os autores mais conhecidos são os clássicos Liev Tolstói e Fiódor Dostoiévski, embora, pelos títulos analisados aqui e pelos lançamentos recentes das editoras brasileiras, pareça haver uma tendência a ampliar essa lista, incluindo escritores do século XX e contemporâneos. O dinamismo da canonicidade dentro dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990) dá feições diferentes à literatura russa no país de partida e nos países de chegada das traduções. Dificilmente um brasileiro imagina como russa uma literatura escrita em línguas do grupo turcomano, por exemplo, falada pelos povos do sudoeste russo.

Como polissistema, a literatura traduzida abriga as tensões entre a cultura canonizada e não-canonizada. Pode ser que os repertórios clássicos russos estejam estagnados e, por pressão de estratos periféricos (ficção científica, autores contemporâneos, autores desconhecidos dos brasileiros até o momento e outros aspectos), sejam obrigados a se modificar. O Instituto de Tradução atua como um fator interno para a cultura russa, promovendo no exterior nomes consagrados na Rússia pelos prêmios literários da atualidade, ao mesmo tempo em que, ao patrocinar traduções brasileiras, é um fator externo que afeta o nosso polissistema literário.

Jornais e revistas literários, seções de cultura dos veículos de comunicação de massa e comentários de críticos literários contribuem para a mudança de repertórios — conjuntos de leis e elementos (modelos) que regem a feitura e o uso de qualquer dado produto (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 17), inclusive dos textos literários traduzidos.

Quando a seção brasileira do projeto *Russia Beyond*, da TV-Novosti, publica “A arte surrealista censurada de um escritor soviético proeminente” (DARMAROS; TAPLIN, 2019) para divulgar traduções de Andrei Platónov em 2019 (**Chevengur** pela Ars e Vita e **A escavação** pela Editora 34), encontram-se nesse título referências importantes para o público leitor. Censura e

---

<sup>7</sup> Apresentei uma visão geral da literatura escrita em outras línguas no território da Rússia durante o VIII Colóquio Sul de Literatura Comparada (SALES, 2019).

soviético encaixam-se plenamente no cenário de politização das artes descrito por Adam, embora a fase da Guerra Fria tenha passado. Do mesmo modo, atuam trechos como “não caiu no gosto dos burocratas soviéticos”, “recebeu do próprio Stálin uma anotação reprovadora”.

O *soft power* russo manifesta-se duplamente: no apoio à publicação de **A escavação** e na divulgação da tradução pelo **Russia beyond**, projeto multilíngue (com sites em 14 línguas desde 2007) cuja

missão é ajudar os estrangeiros a entender melhor a Rússia. Nós queremos despertar o interesse por nosso país, mostrar todas as suas faces, que geralmente são ignoradas pela mídia. Contamos e mostramos a nossos leitores histórias originais da vida contemporânea de nosso país, de sua história, ajudamos a entender melhor a cultura. Publicamos guias de cidades e regiões, receitas da culinária russa e instruções para aqueles que desejam abrir aqui o seu negócio<sup>8</sup>. (tradução minha)

À parte a diferença de alcance, não se distingue da missão de Turguêniev na Europa no século XIX: explicar o que são os costumes e a vida russa, mostrar facetas desconhecidas (apresentar autores e obras), ajudar a traduzir as obras literárias, esclarecendo pontos obscuros... Nas palavras de um interlocutor parisiense, reproduzidas pelo biógrafo do escritor russo:

Turguêniev gostava especialmente de conversas sobre a diferença entre a moral e a psique dos russos e dos europeus do Ocidente [...] Veja bem como, no povo russo, prolongam-se os processos psíquicos de autodeterminação, de busca da verdade e do ideal, enquanto na França, observa-se, em todas as classes, uma espécie de cristalização cultural, a moral e as ideias em condição acabada, uma nação em que se esgotou toda a reserva de suas forças espirituais... enquanto nós, russos, ainda avançamos espiritualmente, crescemos, buscamos a verdade, novas formas de vida e de beleza. (LEBEDEV, 1990; tradução minha)

---

<sup>8</sup> Informações do site do projeto em russo: <<https://ru.rbth.com/about>>. Acesso em: 7 dez. 2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos neste artigo relações entre o *soft power*, a literatura russa traduzida e o Instituto de Tradução da Rússia. Usamos as noções de *soft power* de Joseph Nye e de polissistemas de Even-Zohar para investigar o modo como ocorrem os fluxos tradutórios e a escolha de obras, ao lado das forças dos agentes políticos envolvidos na cultura.

A literatura russa, periférica até a primeira metade do século XIX, passou então a ocupar uma posição central no polissistema mundial. No Brasil, desde o final dos anos 1890, autores russos consagrados pela cultura francesa foram recebidos com interesse pela intelectualidade. Entretanto, a presença da literatura russa em português no mercado editorial brasileiro não é uniforme. Ao longo do tempo, de acordo com cada momento histórico, ela adquiriu características diversas.

De qualquer modo, o que temos, nestes dias de mundialização ou internacionalização, são mudanças no perfil de um fenômeno antigo. A literatura russa continua sendo fator importante do polissistema cultural brasileiro, é bem aceita pelo nosso leitor, sobretudo acadêmico, mas não se representa mais apenas pelos seus dois grandes nomes clássicos: Liev Tolstói e Fiódor Dostoiévski.

Outros autores e obras têm sido traduzidos e divulgados como reveladores de facetas desconhecidas da Rússia. Desconhecidas, mas tão valiosas quanto aquelas consagradas. Para firmar essa nova imagem, concorrem a atuação de órgãos russos que promovem a cultura e a literatura no exterior e o empenho de editores e tradutores que propõem essa nova agenda de nomes e de títulos.

As edições apoiadas pelo Instituto de Tradução da Rússia confirmam essa mudança de curso. As sete traduções brasileiras não são de clássicos do século XIX nem dos nomes mais conhecidos da vanguarda russa (como Vladímir Maiakóvski) ou do realismo socialista (como Maksim Górkí). Andrei Platónov, Daniil Kharms, Ivan Efremov, Leonid Dobytchin, Serguei Dovlátov e Varlam Chalámov são nomes novos no polissistema literário brasileiro ou nomes que, mesmo já tendo sido apresentados anteriormente (por exemplo, Platónov), ainda não tinham se firmado como importantes para os brasileiros.

Todos esses temas merecem investigações futuras, cujos desdobramentos podem abarcar estudos: das traduções publicadas no Brasil com apoio do Instituto de Tradução; das capas das publicações; das obras sugeridas pelo Instituto de Tradução para publicação; da aceitação do Instituto de Tradução dentro da própria Rússia (possíveis críticas aos critérios de sua atuação); das possíveis relações entre um maior número de obras financiadas e condições políticas internas e externas, dentre outros fatores.

As chaves de compreensão podem vir tanto das Relações Internacionais, com conceitos como o de *soft power*, quanto dos Estudos Culturais, como é o caso dos polissistemas. A Literatura Comparada e os Estudos de Tradução comparecem, obviamente, como as áreas básicas de observação do objeto. Ambas, por seu caráter interdisciplinar, dialogam bem com os campos afins.

## REFERÊNCIAS

ADAM, G. A literatura soviética como instrumento de *soft power*. Comunicação oral. **VIII Colóquio Sul de Literatura Comparada — Poéticas (d)e Internacionalização**. Porto Alegre: UFRGS, 23–25 out. 2019.

DARMAROS, M.; TAPLIN, P. A arte surrealista censurada de um escritor soviético proeminente. **Russia Beyond**. Seção de Cultura. 10 fev. 2019. Disponível em <<https://br.rbth.com/cultura/81848-arte-surrealista-censurada-platonov>>. Acesso em: 8 set. 2019.

ESSIPOV, V. **Шаламов и Солженицын: арьергардные бои за читателя** [Chalámov e Soljenitsin: combates de retaguarda pelo leitor]. Disponível em: <<https://shalamov.ru/en/research/417/>>. Acesso em: 3 fev. 2020.

EVEN-ZOHAR, I. *Polysystem Studies*. **Poetics Today**, v. 11, n. 1. 1990. Disponível em: <[https://m.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar\\_1990--Polysystem%20studies.pdf](https://m.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1990--Polysystem%20studies.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2019.

GOMIDE, B. **Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887–1936)**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269848/1/Gomide\\_Bruno\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269848/1/Gomide_Bruno_D.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2019.

LEBEDEV, IU. V. **Тургенев** [Turgueniev]. Moscou: Molodaia Gvardia, 1990. Disponível em: <[http://az.lib.ru/t/turgenew\\_i\\_s/text\\_0380.shtml](http://az.lib.ru/t/turgenew_i_s/text_0380.shtml)>. Acesso em: 3 fev. 2020.

NYE JR., J. S. **Soft power: the means of success in world politics**. Nova Iorque: PublicAffairs, 2004.

SALES, D. Literaturas e nacionalidades na Rússia contemporânea. Comunicação oral. **VIII Colóquio Sul de Literatura Comparada — Poéticas (d)e Internacionalização**. Porto Alegre: UFRGS, 23–25 out. 2019.

**V МЕЖДУНАРОДНЫЙ конгресс переводчиков художественной литературы. Пресс-релиз** [V Congresso Internacional de Tradutores de Literatura. *Press-release*]. Instituto de Tradução da Rússia. Seção de notícias, Arquivo. Moscou, 3 set. 2018. Disponível em: <<http://institutpervoda.ru//news/225473174/>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

VÁRIOS. **Contos Soviéticos**. Trad. Gabriel Marques e Luiz Alípio de Barro. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944.